

RELATO DE EXPERIÊNCIA

A Reabertura do turismo na Coreia do Norte: Relato de Experiência em Rason

Christopher Smith Bignardi Neves¹
Rowan Beard²

RESUMO ESTRUTURADO: Este manuscrito apresenta a experiência de Rowan Beard na Zona Econômica Especial (ZEE) de Rason, na Coreia do Norte, investigando o turismo nesse contexto autoritário como uma ferramenta de diplomacia cultural. O objetivo principal é entender como as motivações e as experiências turísticas em regimes restritivos podem proporcionar insights sobre interações culturais, enquanto as limitações políticas moldam a percepção do destino. A problemática centra-se na tensão entre a experiência turística como lazer e o controle estatal, que restringe a autenticidade da vivência no país, além de reforçar uma narrativa ideológica. A pesquisa parte da hipótese de que o turismo na Coreia do Norte não é apenas um lazer, mas também uma manifestação de manipulação política. Metodologicamente, adota-se uma abordagem qualitativa, com base no relato de experiência de Rowan Beard e em fontes secundárias sobre o turismo na Coreia do Norte. Os resultados revelam que, embora o turismo em Rason permita algumas interações, ele é altamente mediado pelo controle estatal, o que gera uma experiência de tensão entre a busca por autenticidade e as imposições ideológicas. As implicações práticas indicam que o turismo nesses contextos autoritários é uma forma de diplomacia e uma ferramenta de construção de imagem internacional. Considera-se que o turismo na Coreia do Norte reforça o controle estatal, sendo uma experiência marcada por significados políticos profundos.

Palavras-chave: Turismo, Diplomacia Cultural, Regimes Autoritários, Coreia do Norte, ZEE Rason.

INTRODUÇÃO

O turismo transcende seu papel tradicional de lazer e entretenimento, emergindo como um fenômeno social capaz de mediar relações interculturais e diplomáticas. Em contextos de isolamento geopolítico, como o da Coreia do Norte, o turismo pode atuar como uma ferramenta de diplomacia cultural, permitindo interações que desconstroem barreiras ideológicas e promovem entendimentos mútuos. Essas interações, embora cuidadosamente mediadas, têm o potencial de influenciar as percepções dos visitantes e dos anfitriões, evidenciando o turismo como um espaço para trocas simbólicas significativas.

O turismo na Coreia do Norte é uma prática singular, caracterizada por sua estrutura rigidamente controlada e altamente centralizada pelo governo. Diferentemente de outros destinos globais, o turismo no país não é apenas uma atividade econômica, mas também uma ferramenta estratégica para promover a ideologia estatal, a cultura nacional e a narrativa política oficial.

Atualmente, o turismo na Coreia do Norte configura-se como uma atividade econômica pequena, porém exótica (Li; Ryan, 2015; Yu; Ko, 2012), com uma trajetória relativamente recente.

¹ Doutor em Geografia, Mestre em Turismo e Tecnólogo em Gestão de Turismo pela Universidade Federal do Paraná. SmithBig Consultoria de Viagens. smithbig@hotmail.com <http://lattes.cnpq.br/7108544027466482>

² Jornalista. Young Pioneer Tours. rowan@youngpioneertours.com

Apesar de os primeiros indícios de desenvolvimento turístico terem surgido já na década de 1980, período em que o país manteve seu isolamento do restante do mundo e adotou uma política de autossuficiência (Cumings, 2011), a abertura gradual para o turismo em escala mais ampla ocorreu somente na última década (Connell, 2017).

Antes da pandemia, estimativas indicavam que a Coreia do Norte recebia cerca de 70 mil turistas por ano, a maioria da China. A expectativa do governo norte-coreano era ampliar o fluxo turístico de cerca de cem mil visitantes em 2014 para 2 milhões em 2020 (Winsor, 2015). As receitas geradas pelos visitantes ajudam a sustentar a infraestrutura turística, embora os dados sobre os reais benefícios econômicos sejam escassos devido à falta de transparência governamental.

A Coreia do Norte fechou suas fronteiras para turistas estrangeiros no início de 2020, como medida preventiva contra a pandemia de COVID-19. Após quase cinco anos de isolamento, o país anunciou que reabriria suas fronteiras ao turismo internacional em dezembro de 2024. Após a reabertura em 2025, o país começou a receber grupos de turistas estrangeiros, incluindo ocidentais (Teo, 2025). É importante notar que, apesar da reabertura, o turismo na Coreia do Norte permanece altamente controlado, com itinerários pré-estabelecidos e acompanhamento constante de guias locais (Teo, 2025), relatados anteriormente por Kim, Timothy e Han (2007), também por Wassler e Schuckert (2017).

No caso da Zona Econômica Especial (ZEE) de Rason, essa dinâmica assume contornos únicos. A reabertura da região ao turismo internacional, após anos de restrições intensificadas, não apenas reconfigura a narrativa sobre a Coreia do Norte, mas também simboliza um movimento estratégico para integrar-se, mesmo que parcialmente, ao fluxo global de relações culturais e econômicas. Dessa forma, a experiência turística em Rason pode ser entendida como um laboratório para observar como diplomacia cultural e turismo se entrelaçam em contextos de alta complexidade geopolítica.

Dada a complexidade das restrições geopolíticas e culturais da Coreia do Norte, em que medida o turismo pode ser compreendido como uma ferramenta de diplomacia cultural e interação intercultural? Quais são as experiências e percepções de turistas que visitam a ZEE de Rason, e como essas vivências refletem as dinâmicas sociais e políticas do turismo nesse contexto? Assim, o objetivo deste relato de experiência é investigar como as experiências turísticas na ZEE de Rason ilustram o potencial do turismo como ferramenta de diplomacia cultural em contextos marcados por isolamento político e controle estatal.

PROBLEMÁTICA E RELEVÂNCIA

O turismo na Coreia do Norte apresenta singularidades evidentes, resultantes de seu contexto político, econômico e social. Este relato de experiência visa registrar os motivos que levam pessoas, especialmente turistas chineses e russos, a visitar o país, bem como suas experiências durante a estadia (Li; Zhang, 2021; Li; Wang, 2020; Kim; Timothy; Han, 2007).

Um aspecto central para compreender o turismo na Coreia do Norte são as motivações que levam os visitantes a optar por esse destino. Pesquisas indicam que muitos turistas se sentem atraídos pelo fascínio do país como uma terra com forte controle estatal e uma cultura isolada, despertando a curiosidade pela realidade pouco acessível ao público internacional comum (Li; Wang, 2020).

Outro fator relevante são as políticas de restrição que tornam o acesso à Coreia do Norte desafiador e exclusivo, o que pode contribuir para atrair um determinado perfil de viajantes interessados em experiências incomuns e “fora do circuito turístico tradicional” (Kim; Timothy; Han, 2007). Ademais, o turismo na Coreia do Norte funciona como uma estratégia para os visitantes compreenderem mais sobre o país, seu sistema político e estilo de vida, elementos que podem gerar uma reflexão crítica ou uma reafirmação da própria visão de mundo.

As experiências dos turistas na Coreia do Norte são moldadas por um contexto de controle e vigilância, mas também por uma modalidade específica de interação social. Segundo a pesquisa de Li e Wang (2020) que utiliza a teoria do contato social, o contato direto e positivo com os residentes do país pode levar a mudanças de atitudes favoráveis, desfazendo estereótipos e preconceitos prévios. Contudo, este contato é mediado por guias e protocolos rígidos, limitando as interações autênticas e espontâneas (Li; Wang, 2020).

Os turistas relatam vivenciar um “teatro político” em que o roteiro de visita é cuidadosamente estruturado para promover uma imagem positiva do país, conforme a lógica do turismo como um instrumento de propaganda estatal, comum em regimes socialistas de controle centralizado (Kim; Timothy; Han, 2007). Isto implica que os visitantes assistem e participam de experiências coreografadas que destacam o orgulho nacional, os feitos do governo e a ideologia dominante, restringindo observações críticas ou independentes.

Além disso, observações apontam que as acomodações, serviços e infraestruturas turísticas são funcionais, porém limitadas em qualidade, reflexo da baixa prioridade dada pelo Estado ao setor turístico do ponto de vista comercial, dado seu enfoque na política e no controle (Kim; Timothy; Han, 2007). Estas condições tornam a experiência turística única, marcada por um contraste com destinos mais convencionais e comerciais.

A dinâmica das sanções internacionais impõe desafios para o turismo na Coreia do Norte. Moradores da fronteira e atores locais indicam que as sanções afetam diretamente a viabilidade do turismo, restringindo fluxos financeiros e o desenvolvimento de infraestrutura adequada (Li; Zhang, 2021). Apesar das sanções, o país mantém um tipo de turismo restrito, que busca atrair visitantes, principalmente chineses e russos, por conta da proximidade geográfica e cultural, além de interesses políticos e econômicos mútuos.

As sanções, portanto, não eliminam o turismo, mas o condicionam, tornando-o um campo de tensão entre abertura e controle, risco e oportunidade para o governo norte-coreano. Tal contexto influencia não apenas as experiências dos turistas, mas também as percepções dos moradores locais a respeito da visita estrangeira. Como revelam Kim, Timothy e Han (2007), o turismo na Coreia do Norte transcende mera atividade recreativa, funcionando como um teatro político e um canal de promoção ideológica. O controle rígido sobre as informações e contatos visa preservar a “pureza” do sistema socialista, minimizando influências externas que possam comprometer a legitimação do regime.

O turismo é, portanto, planejado para apresentar uma narrativa nacionalista e apologética, posicionando o país como um modelo à parte das sociedades capitalistas. Tal abordagem explica as experiências restritas dos visitantes e a ênfase em roteiros que destacam monumentos, instalações e eventos alinhados à ideologia oficial.

Os turistas internacionais, majoritariamente provenientes da China e Rússia e, em menor escala, de nações ocidentais, podem visitar a Coreia do Norte somente por meio de agências de turismo aprovadas pelo governo norte-coreano, como a Koryo Tours e a Young Pioneer Tours (Teo, 2025). As visitas são conduzidas exclusivamente sob a supervisão de guias locais treinados, que acompanham os viajantes constantemente (Buda; Shim, 2015; Connell, 2017).

Essa supervisão é justificada pelo governo como uma forma de garantir segurança e proteger a integridade cultural do país, mas também limita a liberdade dos turistas de explorarem o território de forma independente. Apesar das restrições e peculiaridades, o turismo representa uma fonte relevante de divisas para a economia norte-coreana. Segundo Connell (2017), a principal motivação para a abertura ao turismo é a necessidade da Coreia do Norte por moedas estrangeiras, como o Yuan chinês, o Dólar americano e o Euro. Ainda assim, o turismo no país é considerado pouco desenvolvido.

A análise do turismo na Coreia do Norte levanta questões éticas e políticas, especialmente em relação ao impacto das visitas internacionais em um país marcado por restrições severas aos direitos humanos e pela manipulação ideológica. Por outro lado, há um interesse crescente em explorar

práticas inovadoras que possam transformar o turismo norte-coreano em um campo de diálogo cultural e econômico, mesmo sob suas condições altamente específicas.

METODOLOGIA

Este estudo adota uma abordagem metodológica composta por uma breve pesquisa bibliográfica e uma etnografia, que, em conjunto, permitem uma análise abrangente das práticas turísticas na Coreia do Norte, com foco na experiência relatada por Rowan Beard durante sua visita à Zona Econômica Especial de Rason, em fevereiro de 2025. A escolha dessa metodologia visa conjugar uma sólida fundamentação teórica com observações empíricas, destacando a singularidade do contexto turístico norte-coreano.

A parte introdutória deste estudo consiste num diálogo com artigos que abordam a temática do turismo na Coreia do Norte. O material coletado foi analisado qualitativamente, com objetivo de compreender o turismo na Coreia do Norte, bem como a relevância estratégica de Rason como um ponto de entrada limitado ao país.

A segunda parte, consiste nos resultados e discussão deste relato de experiência, baseia-se em uma etnografia, fundamentada na experiência de Rowan Beard, gerente de turismo da Young Pioneer Tours de uma empresa, que visitou Rason como parte de uma missão de reconhecimento antes da reabertura da região ao turismo internacional, oferecendo uma perspectiva única sobre as condições logísticas, interações culturais e adaptações implementadas pelas autoridades locais após o isolamento pandêmico. Os dados etnográficos foram obtidos por meio de observações diretas e registros detalhados, que capturaram tanto os desafios quanto as oportunidades inerentes à operação turística em um dos contextos mais restritivos do mundo. Deste modo, os dados coletados, representados pela experiência vivenciada, constituem os próprios resultados do estudo, refletindo diretamente as dinâmicas e implicações observadas no contexto analisado.

RESULTADOS

A reabertura parcial da Coreia do Norte ao turismo internacional em 2025, após cinco anos devido à pandemia de COVID-19, marcou um momento significativo para o trade do turismo em regiões de alta restrição geopolítica. Rowan Beard, gerente da Young Pioneer Tours, liderou um dos primeiros grupos de turistas estrangeiros a visitar o país nesse novo contexto, especificamente a ZEE de Rason.

A área de Rason fora selecionada pelas autoridades devido ao seu caráter relativamente limitado e à facilidade de controle. Funciona como um reduto capitalista inserido num país socialista,

onde empresários chineses comandam empresas conjuntas com norte-coreanos e têm a possibilidade de transitar com relativa liberdade, inclusive utilizando transporte público sobre a ponte que conecta os países. Essa região, criada em 1991 com o objetivo de atrair investimentos estrangeiros, foi a primeira área do país aberta ao turismo internacional desde o fechamento das fronteiras, enquanto a capital Pyongyang permanece restrita a visitantes russos.

Rowan Beard, cofundador da Young Pioneer Tours, foi um dos primeiros turistas ocidentais a visitar a Coreia do Norte após a reabertura das fronteiras em fevereiro de 2025, após cinco anos de isolamento devido à pandemia de COVID-19. Ao cruzar a fronteira em 13 de fevereiro, Beard destacou a importância de revitalizar a indústria do turismo no país, afirmando que é essencial "conseguir que outros estrangeiros entrem e interajam com os norte-coreanos".

O grupo liderado por Beard era formado por 10 turistas provenientes de diversas nações, incluindo Austrália, Alemanha, Cingapura, França, Jamaica e Reino Unido – além de um norte-americano com dupla cidadania. Composto por digitais influencers e entusiastas do turismo, a diversidade desse grupo reflete os interesses heterogêneos que impulsionam o turismo à Coreia do Norte (Teo, 2025).

Foi percebido por Beard que alguns visitantes estavam motivados por um interesse genuíno na cultura, história e sociedade norte-coreanas, outros viam a visita como uma oportunidade única de explorar o último país que ainda não haviam visitado. Além disso, Beard destacou que parte dos turistas tinha como objetivo “irritar” outros países, em um gesto provocativo que reflete a complexidade dos motivos por trás dessas viagens. Como apontado por Buda e Shim (2015), há um anseio por reconhecimento social e prestígio entre aqueles que visitam um lugar tão inóspito e aparentemente proibido.

A organização do primeiro grupo ocorreu em curto espaço de tempo. Segundo Beard, ele foi informado sobre a possível reabertura apenas uma semana antes da data estipulada, o que exigiu uma mobilização rápida para processar autorizações de entrada e organizar voos para a China, de onde partem as conexões terrestres para a ZEE de Rason. Beard constatou um fato curioso: a conta bancária norte-coreana que abriu em Rason há mais de uma década ainda continua com cerca de 25 yuans chineses – aproximadamente US\$ 3,50

A experiência inicial de Beard em Rason incluiu um episódio revelador: ao entregar seu passaporte às autoridades norte-coreanas, ele percebeu um misto de surpresa e curiosidade por parte dos agentes de imigração, que reagiram com entusiasmo ao ver um documento estrangeiro. Esse incidente simboliza não apenas o longo período de isolamento do país, mas também o interesse latente por um retorno à interação com o exterior.

Já do lado norte-coreano, o processo imigratório foi burocrático, exigindo diversos carimbos e a apresentação de um inventário detalhado dos equipamentos eletrônicos antes de receber autorização para entrar. Apesar disso, o atendimento foi bastante amigável e acolhedor no geral. Ainda assim, a travessia levou aproximadamente quatro horas.

O trajeto da fronteira até o Hotel Pipha dura cerca de uma hora, e as paisagens que eu não se via há mais de cinco anos pareceriam familiares. Os quartos são excelentes, assim como a equipe e as comodidades oferecidas. O almoço, servido no hotel, consistiu em pratos tradicionais de carne coreana, acompanhados de salada, legumes e, é claro, kimchi norte-coreano – um produto muito superior ao seu equivalente sul-coreano. Algo comum na Coreia do Norte em geral, é que beber cerveja junto à refeição não é apenas socialmente aceitável, mas também esperado. Ao explorar o hotel, pode-se ter acesso à sauna e às salas de karaokê.

Os itinerários oferecidos aos turistas incluíram visitas a pontos estratégicos de Rason, como uma cervejaria local, uma escola de línguas estrangeiras, uma escola de Taekwondo e o ponto de encontro das fronteiras entre Coreia do Norte, China e Rússia. Essas atividades refletem uma abordagem cuidadosamente estruturada, onde cada interação e local visitado são previamente aprovados pelas autoridades norte-coreanas. No entanto, em dado momento houve uma visita surpresa a um mercado de artigo de luxo, onde os locais faziam compras, neste local não fora permitido fazer registros fotográficos, numa tentativa de esconder a bolha consumista que há nesta parte do país. Beard destaca que atualmente experiências importantes, como visitar o mercado local em Rason para negociar usando a moeda norte-coreana, estão proibidas. A necessidade de guias locais e a proibição de registros fotográficos não autorizados são indicativos do controle rigoroso exercido sobre o turismo na região.

As restrições logísticas em Rason também foram percebidas por Beard como um dos principais desafios para a expansão do turismo no local. A escassez de guias fluentes em inglês, a capacidade limitada de acomodação e a infraestrutura de transporte ainda rudimentar foram apontadas como fatores limitantes para o número de visitantes. Apesar dessas dificuldades, a reabertura gerou um grande interesse global, com agências de turismo relatando uma explosão de consultas e reservas logo após o anúncio da permissão para entrada de estrangeiros.

Ainda, embora as instalações turísticas estejam praticamente as mesmas de cinco anos atrás, algumas atrações, como os mercados locais, permanecem fechadas para os visitantes devido às preocupações contínuas das autoridades norte-coreanas relacionadas à pandemia de COVID-19. Guias locais reiteraram a narrativa oficial do governo de que o vírus foi implantado no país através de um balão enviado pela Coreia do Sul, e que o vírus foi eliminado rapidamente em 90 dias.

Beard percebeu que aproximadamente metade da população local continuava a usar máscaras, e medidas como medição de temperatura e desinfecção manual eram rigorosamente aplicadas antes da entrada em determinados edifícios. Essas práticas refletem um cuidado remanescente com a saúde pública, mesmo em um momento em que as restrições pandêmicas foram relaxadas em muitas outras regiões do mundo.

A maior transformação na Coreia do Norte nos últimos cinco anos, foi a demonstração de que o país está abandonando a ideologia da unificação, conforme anunciado pelo líder norte-coreano Kim Jong Un em janeiro de 2024. Com isso, do ponto de vista econômico, a reabertura da Coreia do Norte ao turismo é vista como uma tentativa de revitalizar sua economia, severamente impactada por sanções internacionais. Estimativas indicam que o turismo poderia gerar até US\$ 175 milhões anuais para o país, proporcionando uma fonte crucial de moeda estrangeira.

No entanto, a questão ética sobre o destino desses recursos também emergiu como um ponto de discussão. Beard acredita que a maior parte do dinheiro investido pelos turistas parece ser direcionada para melhorar a infraestrutura de turismo, como acomodações e transporte, em vez de financiar programas militares controversos.

Na percepção de Beard, os norte-coreanos não são robôs; possuem suas próprias opiniões, metas e senso de humor, e como parte do processo de levar turistas ao país, nas instruções prévias, é encorajado aos visitantes a escutá-los e compreendê-los. Numa dessas interações pode-se perceber que os guias estavam informados sobre as tarifas impostas por Trump e o conflito na Ucrânia – inclusive sobre a participação das tropas norte-coreanas. No entanto, quando inqueridos sobre a Síria, desconheciam que o presidente Assad havia sido deposto. Nessas interações com os guias é preciso ter cuidado, pois pode estar colocando-os em perigo, já que a legislação os impede de falar livremente.

Durante a visita, os operadores turísticos conversaram sobre incluir uma experiência de cinema local nos futuros roteiros. Recentemente, a Coreia do Norte revitalizou sua indústria cinematográfica sob o governo de Kim Jong-Un, lançando novos filmes, como os dramas da Guerra da Coreia "72 Horas" e "Um Dia e Uma Noite", que estão atualmente em exibição nos cinemas.

No hotel houve a promessa de acesso à internet, mas, por se tratar da Coreia do Norte, isso acaba sendo mais difícil do que parece, sendo preciso cerca de duas horas de negociação até finalmente conseguir conexão. Frequentemente se ouve dizer que não há internet no país; isso não é verdade, mas certamente não é algo fácil de acessar.

Apesar de ser uma experiência única, o turismo na Coreia do Norte também enfrenta críticas relacionadas ao risco de instrumentalização política e ética. A presença de turistas ocidentais em um

país conhecido por violações de direitos humanos levanta questões sobre a legitimidade de tais viagens e o impacto que elas podem ter tanto na população local quanto na imagem internacional do país.

IMPLICAÇÕES PRÁTICAS

O turismo na Coreia do Norte, especialmente na ZEE de Rason, apresenta uma complexa interseção entre o lazer, a diplomacia cultural e o controle estatal. As experiências dos turistas, muitas vezes moldadas por um ambiente de rígido controle e vigilância, vão além da simples exploração de um destino turístico exótico, funcionando como um reflexo das práticas de governança de um regime autoritário. A estratégia do governo norte-coreano de promover o turismo como uma forma de gerar visibilidade internacional, sem abrir mão do controle absoluto sobre a narrativa, torna-se uma ferramenta sofisticada de diplomacia cultural, na qual as restrições impõem um cenário cuidadosamente curado para o visitante. Essa "experiência controlada" oferece aos turistas uma janela limitada para o país, mas ao mesmo tempo, reforça a percepção de um regime fechado e distante (Buda; Shim, 2015).

Essa dinâmica revela um dilema importante: como o turismo pode ser usado para promover o intercâmbio cultural, se as próprias condições de visita são tão restritas e manipuladas? A propaganda estatal, presente em quase todos os aspectos da viagem, modela as percepções dos turistas, mas ao mesmo tempo, não deixa de expor as fragilidades e contradições de um regime que se vê constantemente em um jogo de representação internacional. A experiência turística na Coreia do Norte, portanto, não é isenta de tensões.

O desejo de interação cultural genuína se choca com o controle e as limitações impostas, o que torna a experiência não apenas educativa, mas também uma reflexão sobre as implicações do turismo em contextos geopolíticos restritivos. Essa experiência voyeurística (Buda; McIntosh, 2013), faz com que a Coreia do Norte seja despojada de agência própria, sendo reduzida a um cenário de espetáculo para o turismo.

Além disso, as implicações sociais e políticas dessa forma de turismo se estendem para as relações entre turistas e anfitriões. Embora o turismo possa abrir uma via de diálogo, é importante questionar até que ponto esse diálogo é realmente livre ou manipulado. Em regimes autoritários, as trocas culturais são, muitas vezes, mediadas por uma lente ideológica que pode tanto distorcer a realidade local quanto reforçar os estereótipos ocidentais sobre o país. Assim, a experiência do turista na Coreia do Norte também revela as tensões entre o desejo de uma experiência autêntica e as limitações impostas pela política de isolamento.

Esses achados sublinham a necessidade de uma análise crítica das práticas turísticas em países com regimes autoritários, onde a experiência de viagem se torna, ao mesmo tempo, uma vivência de entretenimento e uma forma de engajamento político, seja consciente ou inconscientemente. Em última análise, o turismo em tais contextos deve ser visto não apenas como uma janela para o país, mas também como um reflexo das próprias dinâmicas de poder que governam esses regimes.

Esse relato de experiência representa um caso paradigmático de como o turismo pode operar em regimes altamente controlados, além de trazer à tona questões éticas e logísticas relacionadas à promoção de viagens em contextos politicamente sensíveis.

CONCLUSÃO

A análise dos motivos e experiências dos turistas na Coreia do Norte revela um quadro complexo e multifacetado, em que fatores políticos, econômicos e sociais se entrelaçam para moldar o turismo de maneira singular. Motivações como a curiosidade, o desejo de contato social e o interesse político convivem com experiências marcadas por controle, propaganda e limitações estruturais. A influência das sanções internacionais e o caráter ideológico do turismo no país amplificam ainda mais essa especificidade.

Assim, o turismo na Coreia do Norte não deve ser compreendido apenas como lazer, mas como um fenômeno impregnado de significados políticos e sociais, que reflete as contradições e desafios de um país marcado por isolamento e controle estatal. Essa compreensão é fundamental para a formulação de políticas e práticas turísticas que respeitem as particularidades do contexto norte-coreano e promovam diálogos mais profundos entre visitantes e anfitriões, mesmo que mediado por restrições.

O turismo em contextos restritivos, como o da ZEE de Rason, não se limita à exploração de um destino, mas atua como um mediador simbólico e cultural, capaz de desafiar percepções pré-concebidas e promover, ainda que de forma limitada, trocas culturais entre visitantes e anfitriões.

A experiência de Rowan Beard em Rason ilustra as oportunidades e desafios de promover o turismo em contextos geopolíticos restritivos. A reabertura da ZEE de Rason oferece um vislumbre do potencial transformador do turismo como ferramenta de diplomacia e interação intercultural, enquanto expõe as limitações e dilemas associados a tais iniciativas. Esses resultados servirão como base para discussões mais aprofundadas sobre as implicações sociais, políticas e econômicas do turismo em contextos de alta complexidade.

REFERÊNCIAS:

BUDA, Dorina Maria; MCINTOSH, Alison Jane. Dark tourism and voyeurism: Tourist arrested for “spying” in Iran. **International Journal of Culture, Tourism and Hospitality Research**, v. 7, n. 3, p. 214-226, 2013.

BUDA, Dorina Maria; SHIM, David. Desiring the dark: ‘a taste for the unusual’ in North Korean tourism?. **Current Issues in Tourism**, v. 18, n. 1, p. 1-6, 2015.

CONNELL, John. Tourism as political theatre in North Korea. **Political Geography**, v. 68, p. 34-45, 2019.

CUMINGS, Bruce. **North Korea**: another country. The New Press, 2011.

KIM, Samuel Seongseop; TIMOTHY, Dallen J.; HAN, Hag-Chin. Tourism and political ideologies: A case of tourism in North Korea. **Tourism Management**, v. 28, n. 4, p. 1031-1043, 2007.

LI, Fangxuan Sam; RYAN, Chris. Souvenir shopping experiences: A case study of Chinese tourists in North Korea. **Tourism Management**, v. 64, p. 142-153, 2018.

LI, Fangxuan Sam; WANG, Bingyu. Social contact theory and attitude change through tourism: Researching Chinese visitors to North Korea. **Tourism management perspectives**, v. 36, p. 100743, 2020.

LI, Fangxuan Sam; ZHANG, Guojie. Border resident perceptions of sanctions and tourism: A case study of North Korea. **Tourism Management Perspectives**, v. 38, p. 100821, 2021.

TEO, Wendy. North Korea reopens to tourists, including Singapore visitors. **The Straits Times**, 2025. Disponível em: <https://www.straitstimes.com/asia/east-asia/as-north-korea-re-opens-for-tourism-visitors-including-those-from-singapore-are-raring-to-go>. Acesso em 12 maio 2025.

WASSLER, Philipp; SCHUCKERT, Markus. The lived travel experience to North Korea. **Tourism Management**, v. 63, p. 123-134, 2017.

WINSOR, Morgan. Surfing In North Korea? Kim Jong-Un Launches Tour To Boost Tourism, Rebrand County's Image. **International Business Times**, 2015. Disponível em <https://www.ibtimes.com/surfing-north-korea-kim-jong-un-launches-tour-boost-tourism-rebrand-countys-image-2095162>. Acesso em 28 abril 2025.

YU, Ji Yun; KO, Tae Gyou. A cross-cultural study of perceptions of medical tourism among Chinese, Japanese and Korean tourists in Korea. **Tourism management**, v. 33, n. 1, p. 80-88, 2012.